

## **OUTRA AMAZÔNIA: OS SANTOS E O CATOLICISMO POPULAR**

**Raymundo Heraldo Maués**  
**Universidade Federal do Pará**  
**Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

Há diversos estereótipos em voga sobre a Amazônia, região periférica em relação ao Brasil e ao mundo. Uma dessas versões estereotipadas tem características mais ou menos eruditas. Nela, a Amazônia é pensada, basicamente, no que diz respeito a seus aspectos humanos e sociais, como área essencialmente indígena e habitada, também, por populações neobrasileiras hostis a esses índios, assim como por ocupantes motivados por interesses alienígenas, muitos deles vinculados a “grandes projetos”, perniciosos à natureza e ameaçadores do equilíbrio ecológico na grande região, mas cujos efeitos poderão se espalhar pelo mundo todo, com consequências calamitosas para a humanidade<sup>1</sup>. Como acontece com todos os estereótipos, não deixa de haver verdade nisso, mas trata-se de verdade parcial e distorcida, que esconde outros aspectos importantes sobre esse grande território, cuja riqueza não se reduz à tão decantada biodiversidade, mas que comporta, também, grande diversidade étnica, social e cultural, o que constitui, aliás, patrimônio digno de ser conhecido e preservado (não evidentemente como algo intocável, pois os processos culturais e sociais incluem, na sua riqueza e complexidade, aspectos dinâmicos de constante mudança e atualização)<sup>2</sup>.

Como antropólogo, embora já tenha escrito ensaios mais gerais sobre a Amazônia (cf. Maués 1999), desejo, neste trabalho, abordar um tema de caráter mais restrito, de que já tratei em trabalho anterior (Maués 1995), mas para o qual pretendo, aqui, chamar atenção: um aspecto do catolicismo popular de populações amazônicas tradicionais,

---

<sup>1</sup> Ver a propósito o livro organizado (2004) por Nugent e Harris (s/d), que faz crítica semelhante aos estudos sobre a Amazônia e é, sintomaticamente, intitulado “Some Other Amazonians” (Alguns Outros Amazônidas), por tratar de aspectos e populações amazônicas normalmente desprezados pela literatura corrente.

<sup>2</sup> Não é por acaso que a primeira celebração religiosa do catolicismo popular brasileiro a ser reconhecida, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como bem de cultura “imaterial”, foi o Círio de Nazaré, realizado todos os anos no mês de outubro, em Belém, fato ocorrido no ano de 2004.

não indígenas (muitas vezes chamadas “caboclas”, com todo o preconceito que essa expressão comporta). Quem primeiro estudou esse tema, do ponto de vista antropológico, foi Eduardo Galvão, em seu belo livro “Santos e Visagens” (1955), que persiste sendo uma das monografias mais importantes para se entender aspectos fundamentais da Amazônia de ontem e de hoje. Galvão tratou do tema numa área distinta daquela em que trabalhei. Ele estudou o catolicismo popular de populações tradicionais amazônicas no Baixo Amazonas, enquanto meu estudo (parcialmente inspirado no dele) foi feito numa área litorânea do estado do Pará, a chamada região do Salgado e, mais particularmente, no interior do município de Vigia, especialmente numa povoação de pescadores chamada Itapuá (na ilha do mesmo nome), onde residí, juntamente com Maria Angelica Motta Maués (minha mulher e antropóloga), durante quatro meses seguidos (dezembro de 1975 a março de 1976). Apesar de ter iniciado a pesquisa de campo vinte anos depois da publicação do livro de Galvão (continuí trabalhando no Salgado até 1985 e alunos meus trabalharam ali mais recentemente), encontrei semelhanças muito grandes quanto às concepções e práticas das populações do Baixo Amazonas, no que diz respeito ao catolicismo e à pajelança rural. Algumas especificidades locais representam diferenças que podem ser consideradas como resultado não só das diferenças de tempo como do afastamento no espaço. Nada, porém, que não permita certa generalização, em termos culturais e sociais<sup>3</sup>.

O que se vai ler a seguir é, basicamente, uma etnografia sobre os santos do catolicismo popular na região do Salgado e, mais especificamente, como foi dito, no interior do município de Vigia. Concluirei o trabalho com algumas considerações de caráter geral e teórico, que — assim espero — permitam reflexão mais aprofundada sobre a cultura popular (não indígena) da Amazônia. Reflexão essa que, sustento, não pode ser minimizada e, muito menos, esquecida, quando se trata de questões que dizem respeito à necessária preservação do meio ambiente (que significa, de fato, na feliz expressão do notável antropólogo americano Marshall Sahlins, “o controle pela sociedade do controle da sociedade sobre a natureza” [Sahlins, 1978: 218]). E muito menos quando, como na maioria dos casos se tenta fazer, propondo, de modo fácil e superficial, a implantação, sem críticas, do assim chamado “desenvolvimento sustentável”, ao invés de se pensar, por exemplo, em

---

<sup>3</sup> Estudos mais recentes, abordando o tema da religião do chamado “caboclo” amazônico, no estado do Amazonas (Médio Solimões) e na região de Óbidos (PA), apresentam características muito semelhantes às encontradas por Galvão e por mim (cf. Cravalho 1993, Harris 2000 e Lima Ayres 1992).

“sociedades sustentáveis”, como nos propõe o também notável antropólogo brasileiro Antonio Carlos S. Diegues. Para esse antropólogo,

O desenvolvimento sustentável - única forma racional de organização social e de garantia de sobrevivência da espécie humana - não poderá ser alcançado por abordagens e conquistas isoladas nos diversos campos de ciência e tecnologia (astrofísica, engenharia genética, química etc.), mas exige esforços interdisciplinares dentro de uma visão sistêmica e integrada.

Sob esse prisma, as prioridades de investimentos e programas devem incidir em tecnologias comunitárias e projetos que despertem identificação com o grupo, solidariedade e mobilização em prol de objetivos comuns. Esforços coletivos, quando devidamente motivados, conseguem “mover montanhas”, enaltecendo e potencializando a fé e a confiança dos homens em sua capacidade e poder de se constituírem em sujeitos ativos e conscientes do desenvolvimento que, *assim, transformam esses processos em algo efetivamente sustentável e permanente* (Diegues 1992: 30, itálico no original).

### ***Os santos e o catolicismo popular***

Uma festa de santo modesta

Para entender as concepções populares sobre os santos, entre os praticantes do catolicismo e da pajelança cabocla das populações rurais (ou urbanas de origem rural) da região do Salgado, devo partir da descrição de um ritual. Trata-se de festa de santo que pude presenciar no interior do município de Vigia. Escolho, propositalmente, uma festa modesta em suas proporções, mas cujas implicações permitem colocar os aspectos essenciais das crenças e representações sobre os santos católicos. Depois de três anos sem que se realizasse a festa, em junho de 1984 procedeu-se ao levantamento do mastro de Santo Antônio, na povoação de São Benedito da Barreta. Contam os moradores que, antigamente, o único santo festejado era São Benedito, o padroeiro que deu nome à povoação. Mas um comerciante influente do lugar, devoto de Santo Antônio, levou para lá uma imagem deste santo, conseguindo motivar o povo a trocar de padroeiro, erguendo-se capela para abrigar o novo santo, enquanto São Benedito continuava sendo guardado e cultuado na casa de sua “dona”<sup>4</sup>. Durante certo tempo a festa do novo padroeiro realizou-se

---

<sup>4</sup> Os “donos de santos” são personagens comuns em Vigia e no Salgado, como em várias outras partes do Brasil. As casas costumam abrigar santuários, com uma ou várias imagens e estampas. Em algumas povoações, certos santos pertencentes a donos são cultuados pela comunidade, mas continuam

sem interrupção, embora ninguém esquecesse o antigo, cujo nome continuou a designar a povoação e para quem, anualmente, se mandava celebrar missa no seu dia. Passados alguns anos, a povoação começou a mostrar sinais de decadência. Muitos de seus habitantes começaram a deixar o lugar, transferindo-se para uma povoação vizinha, Itapuá e, na maioria, para a cidade de Vigia. O êxodo se intensificou, ainda de acordo com os moradores, depois que a dona do São Benedito passou a morar em Vigia, levando consigo o santo. Em 1984 só restavam na povoação duas casas habitadas, muitas tinham sido demolidas, outras permaneciam de pé, mas abandonadas, e a casa do comerciante que promoveu a troca do padroeiro incendiou-se e foi destruída, juntamente com as mercadorias depositadas em seu interior. A voz corrente na Barreta, em Itapuá e na Vigia era que isso aconteceu por causa de um castigo de São Benedito, um santo “muito perigoso”, que “anda com uma caixa de fósforos no bolso” e com quem não se pode brincar<sup>5</sup>.

No dia do levantamento do mastro, véspera de Santo Antônio, grande número de pessoas de Vigia, Itapuá e Caratateua convergiu para a povoação de Anauerá. A programação era simples: à tarde, torneio de futebol, após o que o mastro do santo seria conduzido em procissão de Anauerá até a frente da capela de São Benedito da Barreta; à noite, ladainha na capela e festa dançante na “sede” (salão de danças); no dia seguinte, pela manhã, o mastro seria derrubado, encerrando-se a festividade. Havia grande expectativa em torno dessa festa, especialmente da parte dos moradores da Barreta, pois se dizia, na ocasião, que ela podia fazer reviver a tradição local do culto de Santo Antônio e permitir a volta da prosperidade antiga da povoação de São Benedito. Após o torneio de futebol, vencido pela equipe local, iniciaram-se os preparativos para a condução do mastro de Santo Antônio. O mastro, um tronco de marupá com cerca de 10 m de comprimento, derrubado na véspera, estava todo enfeitado com folhas de cróton e flores, em frente à casa onde se

---

pertencentes a seus donos. Sobre o assunto, consultar Galvão (1955: 30), que os descreve em Itá (Gurupá).

<sup>5</sup> A Barreta é uma extensa área do município de Vigia, vizinha do município de São Caetano de Odiveias, do qual se separa pelo rio da Barreta. Nela existem várias povoações, além de São Benedito, quase todas ostentando nomes de santos: Livramento, Santo Antônio, Santa Luzia, Santa Maria e Jardim da Barreta. São Benedito, como acontece com outras povoações do município, está dividida em três partes, que constituem pequenos núcleos de residências com seus moradores: Caratateua, Anauerá e São Benedito. De fato, a parte abandonada e decadente da povoação é seu núcleo principal, isto é, São Benedito, onde se localiza a capela de Santo Antônio e a “sede”, ampla construção de alvenaria, destinada às festas dançantes. Caratateua, vizinha da ilha e povoação de Itapuá, da qual se separa pelo rio Caratateua, dista acerca de 3 km de São Benedito, enquanto Anauerá, hoje o mais importante núcleo da povoação, dista somente 1 km.

guardava a imagem de Santo Antônio, que fora trazida da capela da povoação de São Benedito para Anauerá; em frente à mesma casa, a bandeira do santo, com sua figura pintada por um artista da cidade de Vigia. O cortejo se formou na seguinte ordem: na frente, ao lado um do outro, o juiz da festa, conduzindo nas mãos a imagem de Santo Antônio, e a juíza, conduzindo a bandeira do santo; em seguida, vinham os músicos, tocando músicas típicas da quadra junina; o mastro, conduzido por vários homens jovens e vigorosos, sem camisa; e, fechando o cortejo, o acompanhamento de homens, mulheres e crianças. O clima era de muita jocosidade e animação. Enquanto os músicos tocavam, espocavam fogos de artifício e os carregadores do mastro, sempre bebendo da mesma garrafa de aguardente, caminhavam com ele nos ombros, executando uma espécie de dança, indo para frente, para trás e para os lados, durante todo o percurso de 1 km, gritando, ora de forma ritmada, ora de forma desordenada, e soltando muitos vivas: “Viva Santo Antônio!”, “Viva o pau do santo!” (referindo-se ao mastro). O povo que acompanhava o cortejo conversava animadamente, rindo muito das brincadeiras que eram feitas pelos que carregavam o mastro. As únicas pessoas sérias, em todo o percurso, eram o juiz e a juíza da festa. Num dado momento, a música deixou de tocar e o cortejo foi momentaneamente interrompido, porque os músicos pararam para comer fruta de cedro que havia pelo caminho. A música só voltou depois de muitos improperios dirigidos aos músicos pelos carregadores do mastro.

Quando o cortejo chegou à povoação de São Benedito, em frente à capela já se encontravam várias pessoas, que tinham vindo de outras povoações da Barreta, a fim de participar da festa. Após alguma demora, porque faltavam cordas, a bandeira do santo foi amarrada na ponta do mastro e o mesmo foi erguido em meio a muitos vivas, alarido, espocar de fogos e ao som da música da pequena banda que acompanhava o cortejo. Durante toda a cerimônia, o juiz da festa permaneceu de pé, com a imagem do Santo Antônio nas mãos, ao lado da juíza, de costas para a capela, assistindo ao levantamento do mastro. Em seguida, entrou na capela com a imagem do santo, que foi colocada ao lado direito do altar, sendo erguida pelo povo que participava da festa. Começou então a ladainha em homenagem a Santo Antônio, que foi dirigida por uma catequista ligada à paróquia de Vigia. Enquanto isso, prosseguiram os preparativos para a festa dançante, que começou pouco depois do término da ladainha, animada por um aparelho de som

contratado em Itapuá, terminando apenas na manhã seguinte. Os músicos, também de Itapuá, haviam sido dispensados, durante a noite, e convidados a voltar às 7:00 h da manhã, para a “derruba” do mastro. Normalmente, numa festa de santo, o mastro deveria ficar de pé durante uma ou duas semanas, enquanto se desenrolasse a festa de arraial e as ladainhas, todas as noites. Mas, devido à decadência da povoação, o mastro foi derrubado logo nos primeiros minutos da manhã, assim que terminou a festa dançante; nem sequer se esperou pela vinda dos músicos. A “derruba” ocorreu a golpes de machado, com a participação de várias pessoas entre os assistentes; cada pessoa que dava um golpe contribuía com pequena importância em dinheiro para o “tesouro” do santo. Finalmente, quando o mastro estava prestes a cair, o juiz da festa do ano seguinte, já previamente escolhido, empunhou o machado para dar os últimos golpes; ao tombar o mastro, a nova juíza, também já escolhida, apanhou a bandeira que caíra junto com ele, a fim de guardá-la para a festa do próximo ano.

#### Catolicismo na concepção popular

A forma mais comum que o vigiense encontra para definir o catolicismo que pratica é por oposição à religião dos “crentes” (ou evangélicos). Nesta comparação, o crente surge, muitas vezes, como o modelo de procedimento correto e adequado, enquanto o católico não se comporta com o respeito devido, preocupando-se mais com a diversão e a bebida alcoólica do que com atos de culto e devoção. Para um morador de Itapuá:

“O catolicismo é uma parte de ideia que, pela liberdade que tem, nós não cumpro a lei da religião (...). O crente não, porque você chega, o crente diz: ‘Olha, tu não bebe, porque se tu bebê tu não entras aqui mais, tu não fumas, se tu fumares tu não entras aqui mais’. E assim ele vai insistindo. E a nossa religião, do católico, num insiste parte nenhuma, né? O padre num vai insister (...). Ele fala, mas num insiste que o camarada deixe, né? Então, nós que semo os católico, num cumpro, porque a nossa religião é a mesma do crente, a nossa religião não manda que nós beba, que nós brigue, nós faça, aconteça, não é justo? (...). Já os crentes têm que fazê aquilo que eles querem. Então é uma religião nessa parte *privada*, porque eles querem que siga o caminho direto. E a nossa não, é uma religião *liberta*. O camarada tá fazendo errado mas ele diz que tá direito (...). Então, o camarada pensando, não, a religião não tá mandando que se beba, que se fume, que se brigue, que se dance. Não, não tá mandando” (Carpinteiro aposentado, dono do aparelho de som que tocou na festa de São Benedito, 10/07/1984; meus grifos, RHM).

As categorias “privada” e “liberta” expressam bem a concepção dos informantes católicos a respeito das duas religiões. O catolicismo não tem peias, restrições, privações. Isso permite o comportamento folgazão das pessoas que festejam Santo Antônio, carregando seu mastro e bebendo cachaça, soltando improperios e dando vivas ao santo, ao mesmo tempo em que realizam uma espécie de dança que simula, nos movimentos executados com o mastro (“pau” do santo), um ato sexual. Isso permite também que, na festa religiosa maior dos vigienses, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, os pescadores que se salvaram de naufrágios paguem suas promessas acompanhando a procissão molhados, com vestes sumárias, carregando as bóias com que se mantiveram até serem recolhidos por embarcações — numa alusão simbólica muito clara ao “milagre” —, mas, ao mesmo tempo, divertindo-se alegremente, e bebendo a ponto de terminarem o cortejo embriagados. Essas atitudes são condenadas por muitos, mas na verdade são também esperadas como parte dos festejos do santo, assim como as rezas, as ladainhas, as missas, as procissões, o arraial, a festa dançante, as brigas, os namoros e tudo o mais que compõe uma verdadeira festa de santo. O catolicismo popular apresenta, assim, um componente lúdico que lhe é inseparável e que, a despeito das tensões que provoca na sua manifestação, permanece sempre presente. O que confere à categoria *festa* uma importância toda especial. É mesmo, no discurso do informante acima transcrito, a marca distintiva do catolicismo, por oposição ao pentecostalismo e ao protestantismo em geral; pois, para esse informante, “a nossa religião é a mesma do crente”, mas dela difere pelo grau de liberdade que confere a seus praticantes.

Para dois pescadores de Itapuí que entrevistei a diversão dos pescadores promesseiros do Círio de Nossa Senhora de Nazaré não é de fato condenada, contanto que cumpram sua promessa de devoção<sup>6</sup>. Condenam-se, evidentemente, os excessos e a

---

<sup>6</sup> P1 - “O que adianta o pescador acompanhá o Círio da Santa porre? Cumpri a promessa dele, que num tá nem com sentido no que aconteceu com ele, né? Pensando nada, agora se lembrando que lá na frente tem um boteco, ele vai entrá, vai tomá mais uma. Então por isso o padre vem debatendo isso, o padre está certo”.

P2 - “Então, se ele faz uma promessa, ele vai até na igreja, termina a missa: ‘Agora eu vô me divertir’. Mas não, se joga na água, se molha ...”.

P1 - “Tem um igarapé lá na frente, ele vai passando na água, tchepêi! no igarapé (referência ao costume dos pescadores de se molharem ao longo do trajeto da procissão). Aí, tá pronchado (embriagado), chega lá na frente, um boteco. Chegô lá, encostô, lá vai com a bóia, né? Encosta a bóia lá e vem ... Olha, não sabe a hora que começô a missa, nem quando terminô. Adiantô?”.

bebedeira durante a procissão e aprova-se a atitude do padre que “debate” (combate) esses excessos; mas contanto que a obrigação (devoção) venha antes da diversão, o divertimento do devoto fica justificado. Assim, contrariamente a uma tendência que se pode observar nas atitudes do sacerdote e de seus auxiliares mais próximos no trabalho da paróquia, a devoção do santo, que se expressa de maneira mais enfática no momento da festa, não pode limitar-se aos atos rituais “sagrados”: missas, novenas, orações contritas, sacramentos. O “sagrado” e o “profano”, se bem que separados na mentalidade popular, não estão em oposição, durante a festa religiosa, mas são complementares, embora entre eles possa haver uma hierarquia que valorize o primeiro. Não obstante, elementos que seriam vistos como profanos guardam também alguma coisa de “sagrado” no momento em que se integram no contexto da festa de santo. Um jogo de futebol como parte das comemorações da festa de Santo Antônio não é, certamente, um jogo comum. E o mesmo se pode dizer das brincadeiras de arraial, das comidas, dos leilões, da bebida e da própria festa dançante.

Por outro lado, a diferença de caráter entre os santos permite que seu culto seja praticado com maior ou menor liberdade, com maior ou menor diversão. Um interlocutor/informante, dono de uma das lanchas que fazem o transporte entre Vigia e Itapuá, ao responder à pergunta sobre a razão de terem mudado o padroeiro da povoação de São Benedito, retrucou de forma jocosa:

“Porque eles gostam de fazê festa dançante, e o São Benedito é sempre uma parte dum santo que parece Deus. Menino Deus [padroeiro de Itapuá] aqui, nós num gostamos de fazê festa [dançante], nem o padre deixa, porque é santo de respeito. São Benedito, Menino Deus, Divino Espírito Santo... Divino Espírito Santo ainda é farrista [risos] (...). [Mas pra Santo Antônio] levantam o pau [mastro] do santo deles, fazem aquela festa! O Santo é casamenteiro, o pessoal fazem essa festa pra casamento, essas coisas assim. Então eles aproveitaram que queriam ganhá dinheiro pro bolso deles, pra levantá o comércio, eles acharam que deviam fazê aquele santo só ajudá o comércio deles. E aí o São Benedito disse: ‘Agora lá vai saúba pra vocês!’. Aí jogô saúba., mas olhe, tempestade! Você pode ir em São Benedito que você vê torrões de saúba. Não se aproveita nem uma roça” (entrevista realizada em 11/07/1984).

Os santos têm seus atributos — Santo Antônio casamenteiro, São Pedro pescador e dono das chaves do céu — mas também seu caráter próprio — santo de respeito

---

P2 - “Pois é, se ele vai fazê uma promessa, tinha de í do começo ao fim, né? Vai no Círio, vai na missa, termina a missa, agora vai se divertí”.

P1 - “Eu também não sô contra, não sô contra que ele se molhe, mas que ele vá terminá a promessa dele primeiro” (Entrevista realizada em 20/09/1984).



ou santo farrista — e pela diversidade de atributos e caráter as festas respectivas dos santos assumem formas diversas. Mas os santos também possuem poderes diferentes, alguns são mais milagrosos que outros, com alguns se pode e com outros não se pode brincar. E isso me leva a considerar outra questão. Não há nenhuma dúvida, pelo que dizem os informantes, que São Benedito é santo muito poderoso e, por isso, se encara com muita naturalidade o “fato” de ele ter castigado a povoação da Barreta, cujos moradores resolveram trocar de padroeiro, passando a adotar Santo Antônio no seu lugar<sup>7</sup>. A decadência da povoação de São Benedito começou com uma praga de saúva que destruiu as plantações de árvores frutíferas e as roças, impedindo novos cultivos. As saúvas teriam sido mandadas pelo santo desgostoso e ofendido. Mais tarde, quando sua dona se transferiu para a cidade de Vigia, levando consigo a imagem do santo, a povoação ficou praticamente abandonada, pois quase todos os seus habitantes acabaram por “acompanhar o santo”, indo morar em Vigia. E o santo, não contente com isso, teria incendiado a casa do comerciante que promoveu a troca do padroeiro. Mas a história do desrespeito a São Benedito não ficou por aí. Pouco antes de ocorrer o levantamento do mastro de Santo Antônio, circulou em Vigia, Itapuá e Barreta e notícia de que a dona do São Benedito o havia “trocado” (vendido) por um saco de farinha de mandioca; quando o novo dono do santo foi fazer mais farinha para vender, irrompeu um incêndio em sua casa de forno, que a destruiu totalmente, inclusive seu forno de cobre. Ele, apavorado, devolveu o santo a sua antiga dona, sem mesmo querer de volta a farinha que dera em troca de São Benedito<sup>8</sup>.

Muitas histórias locais atestam os poderes dos santos, especialmente o de São Benedito. “Contar uma história para exemplo”, expressão que escutei várias vezes durante a pesquisa, ilustra a maneira pela qual a população procura expor as suas ideias e concepções através de narrativas. São histórias que envolvem casos particulares, com frequência referentes a castigos impostos pelo santo, ou narrativas atestando milagres, de interesse coletivo, que se lhe atribui. Apesar do temor que se tem dos poderes de São

---

<sup>7</sup> “São Benedito é um bocadinho pretinho, mas ele também é perigoso” (Agricultor de Anauerá). “São Benedito é um santo de cabeça quente, que anda com uma caixa de fósforos no bolso” (Comerciante de Itapuá). “Meu avô dizia que o São Benedito é um santo que faz milagre sem rogar a Deus” (Mulher de pescador de Itapuá; entrevistas realizadas em 13/06/1984).

<sup>8</sup> Depois de ouvir essas histórias, entrevistei a dona do santo, que as negou veementemente, mostrando-me a imagem do São Benedito, que ainda hoje conserva em sua residência, em Vigia (entrevista realizada em 19/09/1984).

Benedito, o santo é sempre tratado com certa jocosidade e familiaridade que não exclui, porém, o respeito. O santo é também tratado frequentemente como uma pessoa viva. Uma mulher, proprietária de pequena casa de comércio em Vigia, conta que sua mãe possui uma imagem de São Benedito e, quando o santo está zangado, ele se põe de lado no oratório<sup>9</sup>.

Uma história de conhecimento geral refere-se a São Benedito Achado, da cidade de Curuçá, também na região do Salgado. Na época em que não havia estrada ligando Belém a Curuçá, a viagem entre as duas cidades se fazia por mar, em embarcações a vela que levavam dois dias viajando. Aproximava-se a festa do padroeiro de Curuçá e os encarregados da festividade resolveram mandar a imagem do santo para ser “encarnada” (pintada de novo) em Belém. Não houve meios, porém, de mandar buscar a imagem a tempo para o dia da festa, que caía num domingo. No sábado à noite, véspera da festa, um homem “escuro” pediu passagem numa canoa a vela que se dirigia de Belém a Curuçá. Durante a viagem o passageiro conversou com os tripulantes, mas não aceitou o café que lhe ofereceram, ficava somente pitando seu cachimbo. Recusou também recolher-se, alegando que desejava ficar “apreciando a viagem”. De madrugada, o encarregado da embarcação perguntou aos demais tripulantes se eles não estavam notando algo estranho: é que ele percebia a rapidez da viagem e que iam chegar a Curuçá antes do amanhecer. Efetivamente chegaram, o passageiro agradeceu, despediu-se e disse que logo eles se encontrariam de novo. Os tripulantes aproveitaram para assistir às comemorações da festa de São Benedito, já que tinham chegado no domingo. Quando entraram na igreja, para sua surpresa, reconheceram na imagem do santo a figura do homem “escuro” que viajara com eles.

Outros santos, como São Pedro e Santo Antônio, não são tratados com o mesmo respeito que é demonstrado para com São Benedito, nem as manifestações de

---

<sup>9</sup> Quando a mãe estava grávida há vários anos, sofreu muitas complicações e esteve em risco de vida. O pai fez então a promessa de oferecer ao santo uma caixa grande de velas, contendo vários pacotes de uma libra cada. Sem saber dessa promessa, uma amiga fez outra a Nossa Senhora do Bom Parto. Decorrida a gravidez sem maiores problemas, depois que nasceu a filha, o pai comprou a caixa grande de velas e a colocou junto ao oratório de São Benedito. A amiga da mãe foi visitá-la e contou-lhe da promessa que fizera, tendo a parturiente aberto a caixa de velas do santo, entregando-lhe um pacote de libra, dizendo: “Pra quê São Benedito precisa de tanta cera? Toma esta caixinha e dá pra santa”. Mais tarde, quando todos estavam num outro compartimento da casa, foram alertados para um princípio de incêndio no quarto do casal. Depois que o fogo foi denominado, perceberam que só as roupas da mãe haviam sido destruídas. A partir daí, a mulher castigada passou a ter o maior respeito pelo santo (entrevista realizada em 11/09/1984).

desrespeito são seguidas de castigo imediato, como no caso deste último santo. Santo Antônio é folgazão, santo “farrista” dos festejos juninos, além de “casamenteiro”. São Pedro, padroeiro dos pescadores, é certamente menos considerado ou respeitado do que São Benedito ou Nossa Senhora de Nazaré. Os pescadores costumam invocar São Pedro para conseguir uma boa pescaria, mas São Benedito é visto como “camarada de trabalho” dos pescadores, sendo mais constantemente invocado por eles<sup>10</sup>. Em quase todas as casas que visitei em Itapuá pude observar a existência de oratórios com imagens e estampas de santos. Em muitas dessas casas o oratório se encontrava bem à mostra, na sala de visitas; em outras, ele era guardado no quarto do casal, de forma que só pude notar sua presença quando adquiri maior intimidade. Posso supor que mesmo nas casas onde não observei a existência de oratório, ele estivesse guardado na parte mais íntima da residência<sup>11</sup>. Os donos desses santos costumam rezar diante deles, oferecendo-lhes velas, flores e fitas coloridas. Esses santos são para uso privado e seus donos se mostram muito orgulhosos da quantidade de santos que possuem em suas casas, desejando frequentemente aumentar seu número. Mas há também determinados santos que, embora pertencendo a donos particulares, assumem importância especial, por se tornarem mais “milagrosos”, ou por serem usados em festas comunitárias. Assim o caso do São Benedito da dona Fuluca, na povoação da Barreta que tem seu nome, pois, apesar de pertencer a uma moradora do lugar, era no passado cultuado como padroeiro da localidade. Outro exemplo é o São Pedro do

---

<sup>10</sup> Um pescador de Itapuá contou o seguinte episódio, que ilustra o desprezo que pode às vezes ser manifestado para com São Pedro: “Eu tinha um tio, que ele era muito assim desastrado, mas tinha curral muito. E então nesse dia nós fumo despescá curral, nesse tempo dava muito peixe. E no meu deu nove pacote de tainha e no dele não deu nada. Aí ele agarrô, deu um pacamom (peixe pouco valorizado), ele agarrô, cortô todinho o peixe: ‘Taí, São Pedro, coloque na bunda’. Nós ficuemo com medo dele dizê aquela palavra, mas num aconteceu nada. Então a gente tem mais fé assim nesses otros santos” (entrevista realizada em 25/09/1984).

<sup>11</sup> Na casa de um pajé, velho pescador aposentado, o oratório na sala ocupa posição de destaque, contendo várias imagens de “santos”: São Pedro, Nossa Senhora das Dores, São Raimundo, São Jorge e uma reprodução em gesso do Cristo Redentor do Rio de Janeiro. Há também várias estampas de “santos”, emolduradas, na parede ao lado do oratório: Nossa Senhora do Bom Remédio, Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora de Nazaré e Cristo Crucificado. Além dessas, no quarto do casal, há duas estampas emolduradas, de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e do Sagrado Coração de Jesus. Na casa do dono de uma das lanchas que transportam passageiros entre Vigia e Itapuá, o oratório está guardado no quarto do casal, contendo as imagens de São Sebastião, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora de Nazaré, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e do Menino Deus; há também um quadro de Nossa Senhora do Bom Remédio pendurado na parede por sobre o oratório e, no interior deste, junto com as imagens, uma estampa de Jesus e um retrato do papa João Paulo II (observação feita pela última vez em setembro de 1985).

finado Palheta, em Itapuá, que mesmo depois da morte de seu dono continuou a ser festejado pela “classe” dos pescadores. Ainda em Itapuá, o santo mais milagroso do lugar não é o Menino Deus, padroeiro da povoação, e sim o São Benedito de seu Zizi, que até alguns anos atrás era exibido num oratório na sala da casa de seu dono, permanecendo essa casa sempre com as janelas abertas, para que o santo pudesse ser visto por todos, da rua<sup>12</sup>.

Os santos mais populares em Itapuá, não apenas entre os pescadores, são Nossa Senhora de Nazaré, São Benedito, São Pedro e o Menino Deus. Nossa Senhora de Nazaré, padroeira do município de Vigia, tem sua imagem cultuada na sede do município, não havendo, na povoação, nenhuma imagem da santa que seja objeto de um culto especial. Os outros três santos têm imagens que são objeto de culto em Itapuá, sendo que o Menino Deus é venerado em sua capela, a mais importante das duas que existem na povoação. Tomemos como parâmetro, para avaliar a importância desses quatro santos para a população local, a realização de promessas e de festejos:

#### SANTOS, PROMESSAS E FESTEJOS

| SANTOS                  | PROMESSAS | FESTEJOS |
|-------------------------|-----------|----------|
| Menino Deus             | +         | +        |
| São Pedro               | -         | +        |
| São Benedito            | +         | -        |
| Nossa Senhora de Nazaré | +         | +        |

Os dois santos padroeiros, Menino Deus (de Itapuá) e Nossa Senhora de Nazaré (de Vigia), são os únicos que apresentam situação equilibrada entre a realização de promessas e de festejos, enquanto que, no caso de São Pedro, os festejos em sua homenagem suplantam a realização de promessas e, no de São Benedito, as promessas são mais relevantes do que os festejos. Como padroeiro de Itapuá, o Menino Deus é muito invocado na povoação, especialmente em casos de doenças e dificuldades financeiras; sua festa anual, que se realiza nos primeiros dias de janeiro, segue o padrão comum das festas

---

<sup>12</sup> Na época da pesquisa, Zizi era um carpinteiro aposentado, viúvo, cujos filhos estavam todos casados. Morava, nos últimos anos de vida, num quarto da casa de um de seus filhos, para onde foi transportado o santo, que continuava sendo visitado pelos moradores da povoação. A ele, os pescadores levavam grande quantidade de velas e fitas como promessa.

de santos do município, com a população dividida em “classes” que se responsabilizam, a cada noite, pelo “brilho” da festividade, sendo a classe dos pescadores a que mais se movimenta todos os anos, conseguindo geralmente superar as demais. Com relação a São Pedro, nunca pude anotar a realização de uma promessa dirigida a esse santo, mesmo entre os pescadores, embora se diga vagamente que algumas promessas são feitas; os pescadores esperam a ajuda de seu santo no mar e, frequentemente, antes de lançar as redes, dirigem-lhe preces, com a seguinte fórmula: “Ó meu São Pedro, me ajuda nesta redada!”. No entanto, quando se aproxima o dia de São Pedro, toda a população se movimenta, sob a liderança do tesoureiro (responsável principal) da classe dos pescadores, para promover a festa local, que é parte do grande festejo anual organizado no município pela diretoria da Colônia de Pescadores sediada na cidade de Vigia<sup>13</sup>. Dos quatro santos considerados, aqueles que recebem maior número de promessas são Nossa Senhora de Nazaré e São Benedito, sendo muito invocados pelos pescadores em situações difíceis e riscos a que os expõe o trabalho do mar. São Benedito (e mais particularmente o São Benedito do seu Zizi) recebe promessas pelos motivos mais variados (inclusive em casos de doenças e dificuldades financeiras, como acontece com o Menino Deus), mas os pescadores costumam sempre pedir o auxílio do seu “camarada de trabalho” (São Benedito) para conseguir boas pescarias e, principalmente, para que ele os ajude quando seus apetrechos de pesca (linhas, redes, ferros de âncora) ficam presos no fundo ou se perdem no mar<sup>14</sup>.

São Benedito é também invocado em casos de naufrágios, mas, nessas situações, é mais comum que os pescadores apelem para Nossa Senhora de Nazaré. Não

---

<sup>13</sup> Essas observações sobre São Pedro referem-se a Itapuá e Vigia. Não foi possível investigar as concepções dos moradores de algumas pequenas povoações onde esse santo é padroeiro, o que possivelmente mudaria o quadro acima apresentado.

<sup>14</sup> Alguns depoimentos ilustram as concepções sobre esse santo: “Olhe, este São Benedito daqui, de pau, ele é de pau. Eu não sei se é um milagre, uma fé que a gente tem, mas o pessoal tem alcançado vários milagres, pelo menos eu já alcancei um deles. Uma vez eu fundiei minha canoa em baixo do Mosqueiro, tem um lugar que chamam Guariba (...). Então uma noite eu cheguei lá cansado e bati o ferro. Quando foi seis horas da manhã eu me acordei, disse pro rapaz: ‘Vamo puxá o ferro’. Vento bom, puxemo o ferro, nada, nada, eu já tava cansado. Pra cortá, a amarra nova, o ferro novo ... ‘Ó São Benedito, eu lhe dô uma libra de cera se você fizê que saia esse ferro’. Aí, quando vimo, o pretinho, fio! pro fundo. Mergulhô. Aí, daqui a pôco, a canoa deu uma rodada assim, embambeceu a amarra, aí puxemo, lá veio o ferro. O pretinho foi mergulhá, foi buscá meu ferro, não foi? Aí eu cheguei, dei uma libra de cera pro santo. E assim ele tem feito milagre. Eu tenho uma fé nesse santo”. (Dono de canoa grande, em Itapuá, 12/03/1985). “O dia que ele não tem cera pra acendê é muita coisa. Tem montes de cera. Só agora um camarado deu 10 dúzias. Porque perdeu uma rede, e achô a rede, se pegô com São Benedito, e achô a rede”. (Pescador de Itapuá, 30/06/1984).

obstante, nenhuma comemoração de porte é feita no seu dia, em Itapuá; apenas uma ladainha é rezada em sua homenagem. A maior festa de São Benedito, na zona do Salgado, é feita em Curuçá. Os habitantes de Itapuá não costumam participar dela. Mas participam, intensamente, da festa de Nossa Senhora de Nazaré, na Vigia, alguns cumprindo promessas por ocasião da procissão do Círio, agradecendo o milagre de terem se salvado de naufrágios, graças aos poderes da Virgem. A festa de Nazaré, em Vigia, é a maior festa religiosa do município, atraindo devotos de outros municípios e, mesmo, de Belém. Nossa Senhora de Nazaré é também a santa que recebe o maior número de promessas, não só da parte dos pescadores, mas de toda a população católica de Vigia. A mais antiga referência ao culto de Nossa Senhora de Nazaré em Vigia é de um cronista do século XVIII, que relata a passagem de um jesuíta pelo lugar, no final do século anterior, ali encontrando a imagem “milagrosa” da santa<sup>15</sup>. Tendo os jesuítas se estabelecido no território de Vigia, ali ergueram a igreja da Mãe de Deus, fundaram um Colégio e uma biblioteca e mantiveram o culto à Virgem de Nazaré. Os vigienses reivindicam a prioridade do Círio de Nossa Senhora de Nazaré para sua cidade, que seria mais antigo do que o Círio e a Festa da mesma santa na capital do estado do Pará<sup>16</sup>.

Há muitas histórias populares sobre a santa em Vigia, desde a que explica a localização atual da igreja, no mesmo local onde a imagem foi “achada”, um “marajazal” (lugar alagadiço e cheio de espinheiros); levada para outro lugar, à noite a santa voltava por seus próprios meios para onde fora encontrada, repetindo-se o “milagre” por várias vezes, até que se entendeu que ela queria permanecer sempre ali. Mesmo depois de construída a igreja, porém, a santa continuou saindo, de noite, passeando pela cidade, mas voltando sempre para seu lugar; “prova” disso era seu manto que ficava todo sujo de mato e as marcas de seus “pezinhos” que ainda hoje estão “impressas” na pedra de mármore do batente de uma das portas da igreja. A santa é “viva”, eis a voz corrente em Vigia. Uma mulher que era cega fez a promessa de preparar um manto novo para ela, caso recuperasse

---

<sup>15</sup> Em 1697, quatro anos depois da elevação de Vigia à condição de vila, o jesuíta José Ferreira refere que lá encontrou estabelecida a devoção à “milagrosa imagem da Virgem Nossa Senhora de Nazaré” (Betendorf 1910: 630). Essa é a primeira notícia histórica a respeito do culto de Nazaré no Pará. Pouco depois, em 1700, iniciou-se o culto à mesma santa em Belém, havendo indícios de que se tenha propagado à capital do Pará a partir da influência do culto em Vigia (cf. Rocque 1981: 30).

<sup>16</sup> Essa reivindicação está baseada na obra do Jesuíta Serafim Leite (1945), mas de fato não se sustenta. Serafim Leite, seguindo Betendorf (1910), apenas demonstra que a devoção a Nossa Senhora de Nazaré é mais antiga em Vigia do que em Belém.

a visão. Conseguindo sua graça, preparou o manto mais belo e mais rico que pôde confeccionar, pedindo permissão ao padre para ir vestir a santa. Mas, quando a vestia, teve a curiosidade de ver se ela era

“perfeita igual a uma quarqué mulhé. Ela ficô cega no ato, saiu pelas mãos de otra e ela não conseguiu, não terminô de vestir a santa. Aí ela veio e quando chegô fora é que ela revelô o que ela desejava, o que ela pensava. E que ela num jurgava que ela fosse se torná novamente cega. Num chegô a vestí a santa, só viu, mas num valeu nada mais pra ela o claro do dia” (Mulher de “marreteiro” de peixe, em Vigia, 15/09/1985).

A santa, como São Benedito, é capaz de castigar os abusos e desrespeitos, mas também protege seus fiéis, concedendo-lhes graças pessoais ou livrando do mal a comunidade inteira. Foi o que aconteceu, segundo a mulher de um pescador de Itapuá, na ocasião em que havia uma epidemia de varíola no estado do Pará. Uma canoa com um doente se aproximou de Vigia e os tripulantes, sem água, “encostaram” em Itapuá de Fora (uma parte da ilha onde só existe a casa de um morador, bem afastada das demais). Ali encontraram uma “menina” que lhes disse que não precisavam ir até Vigia, pois podiam obter água potável num rio corrente que ficava próximo. Os viajantes se abasteceram do líquido e seguiram seu caminho.

“Quando de passado uns anos, veio um dos dito que escapô da viagem, que tive a doença mas ficô bom (...). Quando chegô no Itapuá de Fora tava o meu tio, já é falecido, o tio Palheta (dono da imagem de São Pedro que é cultuada pelos pescadores). Aí ele pegô, perguntô pra ele se ele sabia informá onde era o rio corrente lá dessa beira (...). Aí meu tio conversô com ele: rio corrente ali não existia. Ele disse: ‘Existe, se nós tiremo água, eu foi um que saltei, tirei água, enchi todas vasilha’(...). Aí ele contô tudo mais ou meno, o ano que tinha sido. Meu tio disse que não, que esse ano constô que deu muito essa doença, mas na Vigia, no Itapuá tudo, num deu. Eles carcularam que aquilo só podia sê a Nossa Senhora que estava livrando os inocentes ali daquela passagem” (entrevista realizada em 21/09/1985).

Em 1976 as imagens de Nossa Senhora de Nazaré e São Luis de Gonzaga foram roubadas da igreja da Mãe de Deus, em Vigia. O acontecimento causou grande abalo na população, os jornais de Belém deram grande destaque ao fato e a polícia mobilizou-se para encontrar o culpado. Conta-se em Vigia que quando o ladrão se viu prestes a ser apanhado, resolveu queimar as imagens. A de São Luís ficou destruída, mas a de Nossa Senhora de Nazaré nada sofreu de grave, só o seu manto ficou “chamuscado”. Este foi mais

um “milagre” da santa, escapando do incêndio criminoso<sup>17</sup>. Para algumas pessoas, porém, a santa viva, isto é, a imagem original (“verdadeira”) de Nossa Senhora de Nazaré, não se encontra mais na Vigia. Segundo elas, há vários anos que o arcebispo de Belém mandou buscá-la para ser guardada na capital do Estado, enquanto alguns chegam a afirmar que foi mandada para Roma, a pedido do Papa.

Quando se procura saber o que são os santos na concepção dos praticantes do catolicismo popular, a primeira ideia que se tem é de que eles se reduzem às suas imagens ou figuras materiais. Mesmos santos que possuam uma só denominação diferem entre si, como por exemplo, em Itapuá, onde existem duas imagens de São Benedito, mas só uma, o santo do seu Zizi, é considerada como milagrosa. Conversando-se um pouco mais sobre o assunto, percebe-se logo que as pessoas não confundem os santos com suas imagens ou representações materiais, e que os “verdadeiros” santos estão no céu, sendo que suas imagens foram “deixadas por Deus na terra” como suas “semelhanças”. Entretanto, para elas, as próprias imagens têm poderes de origem divina. Muito frequentemente, a referência aos santos católicos surge no contexto da oposição entre catolicismo e protestantismo:

“Os que estão nessa outra religião não têm a fé (...). Eles dizem que têm, eles dizem que já estão salvo, mas eles não têm (...) esta certeza. Quem tem é Nosso Salvador Divino, Nossa Virgem Mãe, viu? (...). Agora nós que somos católico, temos fé, o senhor sabe por quê? Pela sabedoria dos homens (...) que prepara uma imagem dessa duma massa, dum pedaço de pau que seja (...). Depois de pronto, não fica assim, vai à igreja, o padre celebra missa e benze aquela imagem (...). Por meios daquela benzeção, por meios daquela fé e daquela sabedoria dos homens é que nós emprega esta fé” (Pajé de Itapuá, pescador aposentado, 15/10/1984).

Na tentativa de definir os santos, diz um pajé de Itapuá, agricultor aposentado:

“Os santos são, diz assim, os santos são da corte do céu, mas estes nossos, estes daqui, são feitos pela mão do homem. Mas tem os santos da corte do céu (...). Olhe, a gente diz assim, este santo não vale nada (...). Mas olhe, este santo, este santo, a pessoa tendo uma certa devoção, uma fé, a fé é redobrada de todo (...). Bom, então, se diz assim, este santo, por exemplo, este Santo Antônio não vale nada. Não, ele vale muito, ele vale sim. Não vamo dizê que ele num vale. Porque tem o Santo Antônio da corte [do céu] (...). Bem, agora o crente tem um erro, porque ele num começô na crença, ele num era crente, ele

---

<sup>17</sup> Também em Itapuá se conta a história do incêndio que ocorreu no oratório de São Benedito do seu Zizi, há vários anos, tendo sido destruída a imagem de Santo Antônio, que estava no mesmo oratório, mas o São Benedito escapou do incêndio por “milagre”.



era católico, louvava os santos, até que esmolô com os santos (...). E agora, ele foi crente, ele enxotô o santo com os pés” (entrevista realizada em 16/10/1984).

Para alguns informantes, os santos mais importantes, aqueles em quem o povo tem mais fé, foram os que viveram no tempo de Cristo, os apóstolos de Jesus; os santos “feitos pelo papa” são menos considerados. Os santos, pois, foram pessoas que viveram na terra e se santificaram. A ideia de uma santificação pessoal no presente também existe:

“O que fazem nós tudo nos tornar santo, eu ou você, otro quarqué, é o reforme de vida. Que o arrependimento, por São Pedro, nós só tinha sete vezes perdão. Aí ele perguntô: ‘Mestre, quantas vezes nós devemos perdoar o irmão que pecar contra nós?’. Aí o São Pedro mesmo disse: ‘Até sete vezes, não?’. Jesus disse: ‘Não, Pedro, até sete vezes eu não te digo, até setenta vezes sete’. É que nós temos o perdão” (Mulher pajé de Itapuá, 16/10/1984).

A santificação está ligada, por outro lado, à ideia de “corpos santos”, isto é, cadáveres de pessoas que não se decompueram e foram encontrados intactos no cemitério após vários anos. Um caso especial, narrado pela mulher de um comerciante de Itapuá, é o de Verônica, menina que morreu com a idade de 15 anos. Em vida, sua alimentação era muito frugal: “ela só comia ovo”, segundo a narradora. Quando foram exumar o cadáver, encontraram-no perfeito, inclusive as flores com que tinha sido enterrada, que exalavam seu perfume antes de aparecer o corpo. O Padre Alcides, antigo vigário de Vigia, mandou o “corpo santo” para Roma, escondendo o fato da família: “Bico calado, pra família não se orgulhá, não se perdê”<sup>18</sup>. Não obstante, a concepção dos santos permanece fortemente ligada a sua representação material, especialmente às imagens. Essa mesma informante também narra a fantástica história sobre a origem de São Francisco de Canindé, um santo “nordestino” cujos ecos da devoção chegaram à Amazônia. Havia um chefe de família, com vários filhos, bom pai e bom esposo, que todo dia saía para trabalhar no campo com um machado e um terçado (facão). Um dia, não voltou para casa. Depois de algum tempo, a família já passava necessidades, quando dois caçadores foram ao campo e encontraram uma

---

<sup>18</sup> Na origem do culto dos santos, no Baixo Império Romano e na Alta Idade Média, os túmulos dos mártires, seus corpos mumificados e as relíquias, com partes de seus corpos ou objetos que os tinham tocado, possuíam uma importância especial para os cristãos (cf. Brown 1984: 99, 105, 116 e *passim*). A noção popular de “corpos santos”, que escaparam à corrupção da morte, pode estar associada a essa antiga tradição, ainda viva na Europa e em algumas partes do Brasil (aqui, somente em relação a “santos populares” não reconhecidos pela Igreja oficial). Em relação ao final da Idade Média e a uma região diferente da estudada por Brown, cf., sobre o culto dos santos, Toussaert (1963: esp. 279-294).

imagem em tamanho natural: era o corpo do homem transformado em santo. Levaram-na para o padre e este resolveu rezar uma missa, convidando a mulher, que já se cobrira de luto. Apesar de relutante, ela concordou em ir à Igreja e, lá chegando, ao ver o santo, disse: “Mas ô imagem parecida com meu esposo!”. O padre, durante a cerimônia, determinou que todas as esmolas dadas àquele santo deveriam ser repartidas: metade para a igreja e metade para a viúva.

### O que são os santos no catolicismo popular amazônico

As verbalizações dos informantes sobre os santos incluem vários elementos, que devem ser agora destacados. Em primeiro lugar, eles são pensados como pessoas iguais a todos nós, que viveram na terra, mas se distinguiram dos outros seres humanos por terem passado pelo processo de santificação. Esse processo inclui, entre outros aspectos, o “reforme de vida”, significando que foram pessoas desprendidas das preocupações materiais (comida, bebida etc.) e da maldade. Um importante sinal de santidade está ligado à não decomposição do corpo após a morte, o que remete a crença européia, remontando desde o Baixo Império Romano e à Alta Idade Média. Isto se relaciona a dois aspectos relevantes: de um lado, a ideia expressa, por alguns informantes, de que certos santos subiram ao céu “com corpo e alma” (uma extensão da crença “oficial” cristã sobre a ascensão do Senhor e católica sobre a assunção de Maria); e, de outro, à representação material dos santos (suas imagens). A história fantástica de São Francisco de Canindé, acima reproduzida, parece indicar, em termos simbólicos, a estreita ligação entre o *corpo do santo* e a sua *imagem*, como “semelhança”.

Muitos outros elementos se encontram envolvidos nessa crença popular. A distinção entre os santos “do tempo do Cristo” e os “feitos pelo papa” coloca uma hierarquia entre eles, indicando que os mais antigos devem ser mais considerados; conseqüentemente, o processo de santificação, no presente, implica numa menor valorização do santo. Não obstante, se se trata de santos particulares - São Benedito, São Pedro, São Luís de Gonzaga, Nossa Senhora de Nazaré etc. - há também uma hierarquia entre eles, sendo alguns mais poderosos e milagrosos do que outros. O mesmo se coloca no tocante às suas imagens, desde que, entre duas imagens do mesmo santo “do céu”, uma

pode ser mais milagrosa que outra. Acrescente-se a isso o processo de *santificação* da própria divindade, quando o Menino Deus surge como o “santo” padroeiro de Itapuá, o Espírito Santo como padroeiro de Juçarateua do Pereira, a Santíssima Trindade como “santo” festejado em Meraponga etc. Ora, quais os processos simbólicos que operam nas representações populares que dão suporte a essas crenças? A partir de uma linha de interpretação que vem pelo menos desde Frazer, passando por Lévy-Bruhl, Paul Radin e Lévi-Strauss — para citar somente os autores mais destacados —, pode-se claramente identificar em operação, nesse pensamento, os processos metafórico e metonímico. Até mesmo o indica a expressão local “semelhança”, aplicada às imagens dos santos, concebidas como possuindo um poder místico de origem divina, que guarda relação com o “verdadeiro” santo que está na “corte do céu”. Mas isso não explica a variabilidade na concepção a respeito dos poderes dos santos e de suas imagens, nem a importância que assumem os chamados “santos vivos”, ideia muito presente em relação a determinados santos, justamente aqueles que são reputados como os mais poderosos. A ideia do santo vivo aparece frequentemente ligada aos santos “achados”: Nossa Senhora de Nazaré de Vigia (e de Belém), Nossa Senhora do Tempo de Barcarena, São Benedito Achado de Curuçá, entre outros<sup>19</sup>. Esses santos, que surgem na crença popular fortemente identificados às suas representações materiais, são vistos nas igrejas ou capelas que os abrigam, como imagens, mas também são “vistos” andando nas próprias igrejas ou fora delas, manifestando-se como pessoas vivas a fiéis privilegiados que com eles mantêm contato<sup>20</sup>.

Se abandonarmos, por um momento, a análise desses santos — todos eles populares, mas de alguma forma reconhecidos também pela Igreja oficial — e nos concentrarmos numa outra categoria de santos populares — aqueles santificados pelo próprio povo, sem reconhecimento por parte da hierarquia católica — poderemos entender

---

<sup>19</sup> As histórias populares a respeito de santos são muito comuns em toda a Amazônia. Alguns desses relatos recolhidos em Itá (Gurupá), no Baixo Amazonas, podem ser encontrados em Galvão (1955: 33-35). Essas histórias aparecem também com frequência na literatura regional. Dalcídio Jurandir, por exemplo, refere a história da menina que morreu louca por “espiar” a mãe, roupeira da santa na igreja, mudando a roupa de Nossa Senhora da Conceição, na cidade de Cachoeira, na ilha do Marajó (Jurandir 1967: 33-35); e Benedito Monteiro narra a história de Santo Antônio, padroeiro de Alenquer, no Médio Amazonas, que, por seus poderes, fez mudar a primitiva localização da cidade (Monteiro 1977: 59-69).

<sup>20</sup> A concepção a respeito de santos vivos também existe no interior do Maranhão (cf. Mourão Sá 1974: 18-19).

melhor a questão que se coloca a respeito do processo de santificação e dos poderes dos santos na lógica (simbólica) popular. Tomo, no caso, o exemplo da cidade de Belém, onde se cultua, nos cemitérios, vários desses “santos”:

Diene Ellen: uma menina foi morta pelo próprio pai, tendo sido seu corpo cortado em pedaços e colocado numa mala, na tentativa de escondê-lo. O “crime da mala”, como ficou conhecido, foi amplamente divulgado pelos jornais de Belém há alguns anos. Seu culto se faz no cemitério de São Jorge, o mais novo da cidade.

Josephina Conte: uma jovem, falecida em 1931, com 16 anos de idade, num desastre de automóvel. Sua sepultura, no cemitério de Santa Isabel — o mais antigo da cidade que ainda recebe sepultamentos —, apresenta particularidade curiosa, isto é, o retrato de Josephina, com um broche no peito, representando um automóvel. Sobre ela se conta história muito conhecida em Belém: costumava, à noite, aparecer como visão a motoristas de táxi, passeando pela cidade e depois mandando cobrar a conta na casa de seus pais (só no momento de cobrá-la é que o motorista vinha a saber que transportara uma “visagem”). Hoje se diz que já terminou sua “penitência” e, de alguns anos para cá, seu túmulo passou a ser cultuado, nele existindo várias placas de agradecimento por “graças alcançadas”. Nem todos concordam que seja santa, mas muitos afirmam que “faz milagre”.

Nergescila “Lucy”: jovem morta por engano, com um tiro de revólver, pelo próprio pai, capitão do exército, que pensava estar sua casa sendo invadida por ladrões. O culto é feito também no cemitério de Santa Izabel, sob o patrocínio do “Grêmio Beneficente Rosa Vermelha” que, no dia de finados, distribui folheto contendo sua foto de colação de grau como professora primária e uma “oração para ser dita em grandes aflições”.

Preta Domingas: escrava morta em 1871, por maus-tratos, cuja sepultura se encontra no cemitério da Soledade, o mais antigo de Belém, que não mais recebe sepultamentos.

Severa Romana: filha de imigrantes italianos, era casada há dois anos com um soldado e estava grávida, quando foi assassinada, em 1900, a navalhadas, pelo cabo Antônio Ferreira dos Santos, por ter se recusado a manter relações sexuais com o assassino. É considerada como mártir da fidelidade conjugal, sendo feito seu culto no cemitério de Santa Izabel. De todos os santos populares de Belém é a que possui maior número de devotos, tendo recentemente se formado um processo, na Arquidiocese, visando promover a sua canonização, o qual acabou não prosperando.

Zezinho: menino falecido em 1881, por maus-tratos. Seu culto se faz no cemitério da Soledade, onde uma devota declarava, no dia de finados de 1985, que ali rezava “por todas as crianças que hoje são espancadas e assassinadas inocentemente”<sup>21</sup>.

Em todos os casos examinados acima há um elemento comum que, provavelmente, é responsável pelo processo de santificação: a morte em circunstâncias

---

<sup>21</sup> As histórias foram recolhidas no dia de finados de 1985, nos cemitérios, e nos jornais de Belém do dia seguinte, havendo versões discordantes em alguns detalhes. Uma parte destas histórias se encontra no trabalho de Monteiro (1985).

trágicas, implicando no *sofrimento*. Não pode ser deixado de lado o fato de que, quando se narra a vida desses santos populares, costuma-se também exaltar as suas virtudes. Entretanto, o elemento decisivo se expressa na constatação de que, nas representações populares, é o sofrimento que santifica, ou, mesmo, que confere poder especial àquele santo que sofreu<sup>22</sup>. Não seria, pois, a mesma noção que se encontra presente no processo de santificação dos chamados “corpos santos”?<sup>23</sup>. Aqui, certamente, acha-se implícita a ideia do “milagre” da incorruptibilidade do corpo. Esse corpo, entretanto, prisioneiro de um túmulo, evoca também a ideia de sofrimento que, metaforicamente, é a mesma noção a respeito do “sofrimento” da imagem (semelhança) do santo que se encontra perdido e, depois de muito tempo, é “achado”, por acaso, por um devoto ou grupo de devotos. O santo (ou santa) achado, isto é, sua imagem, passa, portanto, também, por um período de “sofrimento”, além do eventual sofrimento pelo qual já passou em sua condição humana, antes de se tornar um “santo do céu”. Dessa forma, poder-se-ia compreender, no plano das representações coletivas (inconscientes), os poderes excepcionais atribuídos aos santos achados.

Não obstante, os santos achados são também os santos “vivos”. Se as verbalizações das crenças (conscientes), fundadas nas representações coletivas, nos falam em aparições de Nossa Senhora de Nazaré como uma “menina”, em São Benedito como um homem “escuro”, isso não está totalmente em contradição com a crença católica oficial. Há uma ligação das crenças populares com aquelas reconhecidas pela hierarquia católica, quando se fala nos “corpos santos” e, mesmo, na ideia de que os santos “subiram ao céu com corpo e alma”, como disse uma mulher, em Itapuá. Surge, no caso, aparentemente, um processo de “popularização” da crença oficial que, sendo a fonte de onde provém este aspecto do saber popular, é transformada no imaginário mítico das populações católicas que

---

<sup>22</sup> Exemplo muito interessante de santos populares é relatado no trabalho de Freitas (2000), que estuda a ocorrência de dois santos populares no Rio Grande do Norte os quais, em vida, foram criminosos, mas morreram passando por grandes sofrimentos.

<sup>23</sup> Vale lembrar que uma das mais famosas santas populares do Rio de Janeiro, Odetinha, passou a ser considerada santa só no momento em que, vários anos após sua morte, ao abrirem a sepultura para enterrar seu pai, o corpo da menina foi encontrado “intacto” (cf. Frade 1985). Não obstante, entrevistando coveiros e outros funcionários do Cemitério São João Batista, em novembro de 1986, tive a informação unânime de que o túmulo de Odete nunca foi aberto, o que porém não invalida o argumento, pois a história continua sendo repetida pelos devotos.

recebem um ensinamento de caráter erudito<sup>24</sup>. Pode-se então dizer, com base nas verbalizações das crenças dos informantes sobre os santos que, em nível das representações, no caso daqueles concebidos como mais poderosos (os santos “achados”), eles, ao contrário do comum dos mortais, não foram sujeitos à morte como nós e, por isso, podem ser concebidos como pessoas vivas. Esta noção, por outro lado, se está ligada à ideia do “santo do céu”, não se desliga da de sua “semelhança” ou imagem - combinando-se aí processos simbólicos de metáfora, metonímia e sinédoque - desde que esta é pensada, de fato, não apenas como uma representação material, mas como uma *parte* privilegiada do santo, uma imagem muito antiga que se perdeu, passando por um longo período de “sofrimento”, até ser novamente encontrada e cultuada pelos fiéis.

***Em conclusão: onde se encontram as especificidades ou exotismos da Amazônia?***

Uma observação inicial, antes de concluir. Grande parte dos temas acima discutidos resulta de pesquisa realizada por mim em meados dos anos 1980, portanto, há cerca de 25 anos atrás. Os dados, porém, não perderam sua validade, se comparados com resultados alcançados por pesquisas mais recentes, de alunos meus e de pesquisadores independentes. Remeto o leitor a algumas referências mais atuais, que indicam isso (cf. Cavalcante 2008; Harris, 2000; Rabelo 2010; Trindade 2007; Vieira, D. 2008; Vieira, S. 2008; Villacorta 2000).

Chegamos, ao final da pesquisa, a resultado aparentemente paradoxal. As concepções populares do catolicismo popular amazônico não parecem diferir fundamentalmente de outros catolicismos populares. Mas têm, também, suas especificidades. Crenças em “santos vivos”, “santos achados”, “cobras grandes” (ou

---

<sup>24</sup> Sobre o conceito de “popularização”, cf. Brandão (1980: 204): “A transformação de um sistema religioso erudito, doutrinário e sacramental, em outro, comunitário e devocional, é o resultado de um exercício coletivo da população, dentro de um setor de cultura e entre um domínio político e o outro. Não é o efeito de uma má aprendizagem, uma espécie de caipirização ingênua ou depravada. Por outro lado, o repertório de crenças e práticas populares não constitui um sistema ‘tradicional’ e estático, ‘coisa dos antigos’, como alguns agentes dizem, eles próprios. Ao contrário, embora perca frações da ciência de trabalho religioso, trata-se de um sistema que se atualiza como um dos setores do saber popular que retraduz dialeticamente, para os seus sujeitos, o modo de vida de suas classes e as suas variações”.

dragões), animais e pessoas “encantadas”, para ficar só nesses exemplos, existem em muitas partes do mundo (inclusive na Europa, de onde em parte nos vieram). Mas é só na Amazônia, em Belém, em Vigia e em várias partes do interior paraense, que existe o culto a Nossa Senhora de Nazaré com as características próprias que aparecem na Amazônia, com a procissão especial do Círio e com as lendas relacionadas a abismos e naufrágios e figuras mitológicas (inclusive a “cobra grande” ou serpente “encantada”) tal como se crê em sua existência na Amazônia brasileira. O que acontece, então?

Sem querer dizer a última palavra, finalizo lembrando algo que é bem conhecido dos antropólogos. Há várias manifestações culturais no plano dos costumes, das crenças, dos símbolos e em diversos outros domínios, que podem ser pensadas como universais. No entanto, elas nunca se mostram em diferentes povos e em diferentes localidades e culturas com absolutamente as mesmas características, pois é próprio da cultura e da sociedade humana, a partir de seu saber local, da maneira singular como constrói sua cultura e sociedade, mostrar especificidades, mesmo quando institui regras de casamento como todo mundo (sejam elas de que natureza for), quando se diverte como todo mundo, quando sofre como sofrem os seres humanos em diferentes situações e como cultuam seus deuses e seus santos - sejam eles pensados como imaginários ou reais pelos observadores estranhos - e como acontece com os santos do catolicismo popular de uma área específica ou de muitas outras áreas de uma região que, ora podemos chamar de Amazônia, se queremos enfatizar sua unidade, ora devemos, ao contrário, chamar de Amazônias, no plural, devido a sua grande diversidade física, biológica, cultural, étnica e social.

Nada disto deve nos fazer esquecer a pobreza e o sofrimento da grande maioria da população regional, nem as ameaças existentes numa forma incontrolada e predatória de exploração das riquezas dessa mesma região. Mas também não nos permite olhá-la por um só ângulo, ou ficar nos seus exotismos, sem buscar o aprofundamento necessário para pesquisar e buscar encontrar a compreensão a respeito de como as populações amazônicas *realmente* constroem sua vida e sua cultura.

Se quisermos, na Amazônia, ou nas várias Amazônias, implantar política de desenvolvimento sustentável, promovendo sua sociedade ou suas diversas sociedades de forma também sustentável, precisamos conhecer, efetivamente, as maneiras pelas quais

essa sociedade e suas diversas formas de organização constroem suas múltiplas manifestações culturais, a fim de sermos aptos a propor políticas efetivamente adequadas, que contem com a real participação das populações envolvidas. Devemos ter em mente que, como nos ensina Marshall Sahlins:

O que, finalmente, distingue a civilização ocidental é o modo de produção simbólica, esse disfarce na forma de um crescente PNB do processo pelo qual o valor simbólico é criado. Mas essa institucionalização do processo simbólico só o faz mais elaborado assim como menos sujeito a controle e mais perigoso. Mais elaborado porque encoraja todas as capacidades humanas de manipulação simbólica dentro de uma mesma ordem social, gerando daí um enorme crescimento cultural. E mais perigoso porque, no interesse desse mesmo crescimento, *não hesita em destruir qualquer outra forma de humanidade cuja diferença consista em haver descoberto não somente outros códigos de existência, mas meios de chegar a um fim que ainda nos escapa: o controle pela sociedade do controle da sociedade sobre a natureza* (Sahlins 1979: 218; meu grifo, R. H. M.)

O exemplo colocado acima, neste artigo, é apenas parcial. Muitos outros aspectos da cultura amazônica necessitam ser considerados, para que se possa ter uma política a mais aproximada do necessário para a promoção de ações de preservação e desenvolvimento. E, lembrando o mesmo Marshall Sahlins que, num artigo famoso (Sahlins, 1988) faz também a distinção entre *development* (desenvolvimento) e *develop-man* (desenvolvimento humano), é de fato o *desenvolvimento humano* que se busca, numa política em que se procura promover *sociedades sustentáveis* e não uma forma de desenvolvimento que não leve em conta – e ao invés disso destrói e coloca na miséria – as sociedades humanas às quais se aplica.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETENDORF, João F. 1910. “Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão”. *Revista do IHGB*. Tomo LXXII, Parte I (1909). Rio de Janeiro: Imprensa Oficial.
- BRANDÃO, Carlos R. *Os Deuses do Povo: Um estudo sobre religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BROWN, Peter. *Le Culte des Saints: Son Essor et sa Fonction dans la Chrétienté Latine*. Paris: Cerf, 1984.
- CAVALCANTE, Patrícia Carvalho. De nascença ou de simpatia: iniciação, hierarquia e atribuições dos mestres na pajelança marajoara. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia). Belém: UFPA: Belém, 2008.
- CRAVALHO, Mark. *An Invisible Universe of Evil: Supernatural malevolence and personal experience among Amazon peasants*. Dissertação de Doutorado em Antropologia. San Diego: University of California, 1993.
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant’ana. Desenvolvimento sustentável ou sociedades sustentáveis. Cadernos FUNDAP 6: 22-30, 1992. Disponível também on line em [http://www.preac.unicamp.br/eaunicamp/arquivos/diegues\\_rattner.pdf](http://www.preac.unicamp.br/eaunicamp/arquivos/diegues_rattner.pdf), acessado em 22/08/2010.
- FRADE, Maria de C. “Santo de casa faz milagre”. *Comunicações do ISER* 3(9): 29-42, Rio de Janeiro, 1985.
- FREITAS, Eliane T. M. de. Violência e sagrado: o que no criminoso anuncia o santo?. *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião* 2: 191-203, Porto Alegre, 2000.
- GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. São Paulo: Nacional, 1955.
- HARRIS, Mark. *Life on the Amazon. The Anthropology of a Brazilian Peasant Village*. Oxford: Oxford University Press/The British Academy, 2000.
- JURANDIR, Dalcídio. *Primeira Manhã*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1967.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomos III e IV. Rio de Janeiro e Lisboa: Instituto Nacional do Livro e Livraria Portugal, 1943.
- LIMA AYRES, Déborah de M. 1992. *The Social Category Caboclo: History, identity and outsider’s social classification of a rural population of the Amazon Middle Solimões River*. Dissertação de Doutorado em Antropologia. University of Cambridge, 1992.
- MAUÉS, R. Heraldo. 1995. *Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: CEJUP, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Uma Outra “Invenção” da Amazônia: Religiões, histórias, identidades*. Belém: CEJUP, 1999.
- MONTEIRO, Benedito. *Verde Vagomundo*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1977.
- MONTEIRO, Walcyr. *Visagens & Assombrações de Belém*. Belém: SECDET, 1985.
- MOURÃO SÁ, Laís. *Sobre a classificação de entidades sobrenaturais. Pesquisa Polidisciplinar “Prelazia de Pinheiro”*, V. 3, Aspectos Antropológicos. São Luís: IPEI, 1974.
- NUGENT, Stephen & HARRIS, Mark (eds.). *Some Other Amazonians: Perspectives on Modern Amazonia*. London: Institute for the Study of Americas, s/d.
- RABELO, Agnaldo Aires. Meandros da Memória: Um Mergulho no Imaginário às Margens do Rio Capim. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia). Belém: UFPA: Belém, 2010.
- ROCQUE, Carlos. *História do Círio e da Festa de Nazaré*. Belém: Mitograph, 1981.

- SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- \_\_\_\_\_. Cosmologies of Capitalism: The Trans-Pacific Sector of the World System. *Proceedings of the British Academy*, LXXIV: 1-51, 1988.
- TOUSSAERT, Jacques. *Le Sentiment Religieux en Flandre a la Fin du Moyen-Age*. Paris: Plon, 1963.
- TRINDADE, Raida Renata Reis. Aqui a cura é de verdade: Reflexões em torno da cura xamânica em São Caetano de Odivelas - PA. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia). Belém: UFPA: Belém, 2007.
- VIEIRA, Daniel Hudson Carvalho. Folia de São Benedito: Um Estudo de Mudança em uma Manifestação Religiosa na Comunidade do Silêncio do Matá. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia). Belém: UFPA: Belém, 2008.
- VIEIRA, Sônia Cristina de Albuquerque. “É um pessoal lá de Bragança...”: Um estudo antropológico acerca de identidades de migrantes em uma festa para São Benedito em Ananindeua/PA. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia). Belém: UFPA, Belém, 2008.
- VILLACORTA, Gisela Macambira. As Mulheres do Pássaro da Noite: Pajelança e feitiçaria na Região do Salgado (Nordeste Paraense). Dissertação (Mestrado em Antropologia). Belém: UFPA: Belém, 2000.